

Baraúna

1 – NOMENCLATURA

Nome científico: *Schinopsis brasiliensis* Engl.

Família: Anacardiaceae.

Nomes vulgares: braúna, baraúna, baúna, braúna-parda, braúna-do-sertão, quebracho, baraúna-quebracho-hembra, quebracho-colorado, quebracho-colorado-chaquenho, quebracho-colorado-santiagueno, quebracho-moro, quebracho-negro, soto-negro, quebracho-rubio. Os quebrachos verdadeiros que têm algumas denominações idênticas às da baraúna, são *Schinopsis balansae* e *Schinopsis lorentzii* – quebracho-colorado-do-paraguai e quebracho-blanco-da-argentina.

Origem/significado dos nomes: Por possuir madeira com cerne de castanha avermelhada que escurece quando demoradamente exposto ao ar ou, talvez, a cor enegrecida da casca, tenha levado o indígena à denominação de “muira-una” (*muira*-madeira mais *una*-preto) que evoluiu sucessivamente para as formas baraúna e braúna. Deriva do Tupy *ybira-uma*, madeira preta.

2 – OCORRÊNCIA

Espécie típica da caatinga. Encontra-se em terras altas dominadas por solos de tabuleiro, férteis e profundos. Nos solos profundos arenosos dos baixios são raramente encontradas e encontra-se mui raramente no sopé das serras ou serrotes mais altos do sertão.

Ocorre nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, norte de Minas Gerais e Goiás, penetrando a oeste até Mato Grosso e Rondônia.

Há também a informação de que a baraúna é mal representada do Rio Grande do Norte ao Piauí.

3 – DESCRIÇÃO

- **Informações ecológicas (Ler com calma esse tópico)**

Planta decídua, heliófita e seletiva higrófila, silvestre, característica de várzeas da região semi-árida. É mais freqüente em solos calcários, podendo ocorrer mesmo em afloramentos pedregosos, onde geralmente não cresce muito, caracteriza-se também por não formar mata pura, mas é considerada dominante na Caatinga e do ponto de vista ecológico é uma das mais importantes, apresenta baixo índice de associação, demonstrando crescer na caatinga praticamente sem afinidades com as outras. É encontrada no sertão e no agreste com as espécies características dessa formação ecológica, entre as quais pode-se encontrar também a aroeira, pau-d’arco, jucá, juazeiro e barriguda. Tem caráter solitário dentro dessa composição, encontrando-se poucas árvores por unidade de área.

Encontrada normalmente em forma de grupamentos em certas áreas e desaparecendo em outras.

O seu aspecto é de tal modo característico, que a uma grande distância pode-se identificá-la facilmente.

Não forma mata pura, encontrando-se poucas árvores por unidade de área.

- **Hábito de crescimento**

Caracteriza-se por ser uma das árvores mais altas da caatinga atingindo entre 6-12 m x 20-60 cm, distinta pelos ramos espinhosos, com um porte majestoso de galharia espessa e bem distribuída numa copa de poucas e pequenas folhas. Desenvolve-se lentamente, mas, alcança muitos anos de vida.

- **Caule**

Tronco apresenta-se com três zonas claramente delimitáveis – a casca, o alborno, e o cerne, que dificilmente deixa perceber todos os anéis anuais que deveriam corresponder aos períodos de intensidade e descanso vegetativos, em relação direta com as épocas de estiagem e inverno.

Seu tronco é linheiro, ereto, bem conformado. Possui espinhos pequenos de até 3,5 cm nas pontas dos ramos.

A copa é subglobosa, não muito densa.

Os ramos e caule principal são atacados por lavras e insetos.

- **Casca**

Casca é cinza escura, quase negra, áspera, desprendendo-se em porções irregularmente quadrangulares. Forma pequenas rachaduras, quadradas.

A casca morta de tronco idoso possui espessura grossa (>5, mm), acentuadamente áspera, rígida, cinza-claro a negro, apresentando sulcos profundos, longitudinais, com fendas transversais, que delimitam blocos retangulares de superfície plana, aparentemente uniforme de 1,0 a 5,0 cm de comprimento por 0,5 a 2,5 cm de largura, destacáveis com dificuldade. Apresenta casca viva de espessura grossa (> 12,0 cm), castanho-claro internamente, passando a castanho-escuro com exposição ao ar. Por incisão, apresenta exsudato resinoso, transparente, sem odor ou sabor distintos.

- **Folhas (ler com atenção)**

Folhas compostas pinadas, de 9-17 folíolos subcoriáceos, de 3-4 cm de comprimento por 2 cm de largura opostos na base da raque, verde escuro na face ventral a bem mais claro na dorsal; elípticos sub-rômnicos, emarginados e de superfície glabra; bordos inteiros, algumas vezes na metade terminal, leve e irregularmente ondulados. Quando machucados apresentam fraco odor de resina. Seu conjunto forma uma copa quase globosa muito altaneira.

- **Flores**

Flores em panículas, brancas, e pequenas. Inflorescências terminais a subterminais, paniculadas, de no máximo, 10,0-12,0 cm, pouco vistosas, freqüentemente praguejadas por insetos; botões florais subglobosos. Floresce geralmente no final da estação chuvosa. Como esta varia em cada região e de ano para ano, não há uma época definida de floração dessa espécie. Podendo florar em alguns locais entre em novembro e dezembro ou durante os meses de junho-setembro.

- **Fruto**

Fruto seco alado, falcado. tipo aquênio samaróide, com mesocarpo esponjoso, 3,0-3,5 cm de comprimento, cheios de massa esponjosa.

- **Sementes**

Semente obdeltóide-reniforme, com 6 a 9 mm de comprimento por 2 a 4 mm de largura, e 1 mm de espessura, apical, funículo alongado. Com freqüência, quando colhidas, já apresentam um minúsculo orifício no núcleo, produzido por larva de inseto que corrói, impedindo a germinação.

- **Madeira**

Madeira dura, pesada, quando nova ou recentemente derrubada, densa (densidade 1,23 g/cm³), de grande durabilidade, altamente resistente à decomposição quando em ambientes externo.

Tem cor castanha avermelhada, escurecendo quando mais velha e exposta ao ar. Possui veios roxos.

A madeira é semelhante à da aroeira.

A estrutura micrográfica do cerne de *Schinopsis brasiliensis*, está em relação direta com a sua rigidez e alta densidade. A capacidade do tecido fibroso, a pequena quantidade de poros ou vasos, a quase ausência de parênquima, e uma forte lenhificação das paredes celulares – característica das madeiras pesadas, como ainda a presença de cristais e a grande percentagem de inclusões resinosas e tânicas, são elementos suficientes para determinar a sua alta densidade e extrema dureza. O que porém mais prende a atenção quando fazemos a histologia do seu cerne, é a original e particularíssima estrutura dos seus vasos lenhosos. É uma das madeiras mais resistentes do mundo. Sua durabilidade é ilimitada, e em condições favoráveis, é indestrutível pelo tempo.

- **Características que podem diferenciar esta de outras espécies**

Duas espécies são comumente encontradas na Bahia com este nome. Uma, nas matas do sertão e matas litorâneas do sul do estado pertencente à família Leguminosae Caesalpinioideae, espécie *Melanoxylon braunia* Schott., também conhecida como braúna-da-mata, ou graúna. A outra nas caatingas e matas acatingadas, pertencentes à família Anacardiácea, espécie *Schinopsis brasiliensis* Engl. Na flora brasiliensis de Martius, apenas a segunda é citada para a Bahia. Ambas produzem madeira de cerne duríssimo e incorruptível, sendo a da primeira (*Melanoxylon braunia* Schott) de cor negra ou quase, e a da segunda (*Schinopsis brasiliensis* Engl.) catanho-avermelhado., com fibras extremamente entrelaçadas, o que lhe vale determinadas aplicações especiais como sejam trabalhos de torno em geral.

Existe, também na Bahia, a variedade *glabra* e, no Pantanal Matogrosense a espécie *Schinopsis balansae* Engl. (quebracho) de características muito semelhantes a *Schinopsis brasiliensis* Engl. a ponto de ser considerada por alguns como a mesma planta.

A braúna das caatingas assemelha-se, no campo, com a aroeira (*Astronium urundeuva* Engl.). Em condições normais pode ser facilmente distinguida pelas folhas, maiores, mais pilosas e de mais forte odor de resina, e de frutos subsféricos, com cálice marcescente, da aroeira. Quando despidas de suas folhas, na época seca, podem, ainda,

ser diferenciadas pela casca que, na aroeira, desprende-se em lâminas delgadas, alongadas, recurvadas, de baixo para cima.

A original e particularíssima estrutura dos seus vasos lenhosos. é caráter importantíssimo na sua diferenciação das outras essências que lhes são “aparentemente semelhantes” como o quebracho da Argentina e a aroeira.

4 – USOS

- **Madeira**

Do ponto de vista madeireiro é uma das espécies mais importantes da Caatinga. É bastante utilizada na construção civil, sendo excelente para usos externos e em obras internas. Possui a mesma durabilidade da aroeira.

É utilizada para fazer dormentes para estrada de ferro, mourão de porteiras, mão de pilão, postes, carpintaria, moenda, esteio, pilões, vigas, vigamentos, obras de torno, aviamento de casas de farinha, principalmente na prensa, cabos de ferramentas, macetas e esquadrias, portais, soleiras, pontaletes.

- **Medicinal**

É uma planta usada no tratamento de verminoses dos animais.

O povo tem usado seu rebento contra a histeria e o nervosismo, porém essa atividade ainda encontra-se em estudo.

- **Ornamental**

Bastante ornamental, podendo ser usada com sucesso na arborização urbana.

- **Outros usos**

Suas flores são melíferas.

A casca produz taninoque, em alguns casos são explorados para indústria de curtume.

Na cidade de Oricuri – PE, a baraúna é usada na produção de carvão.

5 – MANEJO

- **Obtenção de sementes**

Colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea. Os frutos assim obtidos podem ser diretamente utilizados para a semeadura, não havendo necessidade de retirada da semente de seu interior. Entretanto, caso deseje-se reduzir o volume para armazenamento e remessa para outros locais, é conveniente separar as sementes através do esfregaço manual dos frutos secos ao sol dentro de uma peneira. A semente está envolta por um tegumento lenhoso (caroço) difícil de ser rompido. Um quilograma de sementes (caroço) contém aproximadamente 6.600 unidades. A viabilidade de suas sementes em armazenamento é curta, não ultrapassando 90 dias.

- **Produção de mudas**

Colocar as sementes para germinar logo que colhidas em canteiros a pleno sol contendo substrato arenoso. A germinação é lenta e baixa, devendo-se conduzir estudos para desenvolver técnicas de quebra da dormência. O desenvolvimento das plantas no campo é considerado médio.

- **Plantio**

A semente poderá ser deitada ao solo a lanço, depois das primeiras chuvas, quer nas clareiras, quer ou nos aceiros, pelo menos será um modo rápido de formar uma boa mata com as mudas que lograrem surgir com esse processo de reflorestamento. De acordo com o mercado, a formação da mata, deverá ser feita com mudas em torrão, jarrinhos ou sacos plásticos, escolhendo os melhores locais para os plantios em definitivo.

- **Manutenção**

Cuidados: as mudas bem formadas e linheiras, devem ser tratadas com a devida atenção, para que os ramos laterais sejam podados enquanto novos, para facilitar o crescimento mais rápido. O desbaste em torno da mudinha, de arbustos ou espécies sem valor, é uma medida que se impõe. O cerambicídeo conhecido por serrador, é a maior praga. A larva desse inseto constrói galerias no âmago da madeira, perfurando o cerne e o alburno, depreciando muito o seu valor. Por isso, medidas de controle devem ser postas em ação, tendo em vista, o conhecimento do ciclo de vida da mencionada praga.

- **Comercialização**

É freqüentemente confundida e comercializada como aroeira.

Como na madeira das árvores portadoras de madeira de lei da região, seria o melhor sistema para sua exploração econômica, confiná-la em formações mistas, reservando solos de tabuleiros também ricos, de modo que possa se desenvolver dentro do maciço florestal, alcançando um crescimento mais rápido para a formação de hastes livres de galhos e compostura vertical. Depois de 20 a 30 anos estará em condições de fornecer um diâmetro capaz de ser aproveitada economicamente em obras de marcenaria.

- **Produtividade**

Poder de reprodução: Reproduz-se exclusivamente por semente e encontrando condições propícias de fertilidade e umidade no solo, germina entre 10 e 15 dias. Contém 4 mil sementes em mil gramas de peso e cerca de 5 mil por litro.

6 – OUTRAS INFORMAÇÕES

Seu comportamento hídrico no período de fim de chuva, revela encontrar-se esta planta em regime de economia de água superior ao do seu consumo para as necessidades metabólicas. É possível que esta planta, que restringiu sua transpiração logo após a fase de precipitação mais intensa do ano e que transpirou livremente durante o período de fim de seca, utilize a água de suprimento do subsolo, a qual só se torna disponível para a planta após um período de alguns meses. No meio do período mais

seco do ano, a *Schinopsis brasiliensis* Engl. Apresenta uma pequena restrição na sua transpiração nas horas mais críticas do dia.

Referências utilizadas

1 – NOMENCLATURA

Referências: 91, 100, 113, 124, 134, 135, 138, 142, 143, 149, 154, 161, 165, 171, 175, 178, 185, 186, 188, 195, 197, 200, 206, 299, 303, 307

2 – OCORRÊNCIA

Referências: 91, 113, 135, 138, 161, 185, 186, 188, 307

3 – DESCRIÇÃO

Referências: 91, 100, 112, 113, 124, 135, 138, 143, 161, 169, 185, 186, 188, 299, 307

4 – USOS

Referências: 91, 113, 124, 138, 149, 161, 165, 185, 186, 299, 307

5 – MANEJO

Referências: 100, 113, 138

6 – OUTRAS INFORMAÇÕES

Referências: 172, 307

Bibliografia/Legenda de acordo com a classificação no Endnote

- 91 - Parente, E. (1966). PLANTAS DE VALOR ECONÔMICO NO CEARÁ. O CEARÁ. Fortaleza CE: 12p.
- 100 - Feliciano, A. L. P. (1989). ESTUDO DA GERMINAÇÃO DE SEMENTES E DESENVOLVIMENTO DE MUDA, ACOMPANHADO DE DESCRIÇÕES MORFOLÓGICAS, DE DEZ ESPÉCIES ARBÓREAS OCORRENTES NO SEMI-ÁRIDO NORDESTINO. Viçosa MG, UFV: 114p.
- 113 - Lorenzi, H. (1949). ÁRVORES BRASILEIRAS- MANUAL DE IDENTIFICAÇÃO E CULTIVO DE PLANTAS ARBÓREAS DEO BRASIL.
- 124 - Matos, J. J. A. (1999). PLANTAS DA MEDICINA POPULAR DO NORDESTE: PROPRIEDADES ATRIBUÍDAS E CONFIRMADAS. Fortaleza CE, UFC.
- 134 - Sá, J. A. G. M. d. (1998). AVALIAÇÃO DO ESTOQUE LENHOSO DO SERTÃO E AGRESTE PERNAMBUCANO INVENTÁRIO FLORESTAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO. Recife.
- 135 - Lima, D. d. A. (1989). PLANTAS DAS CAATINGAS. Rio de Janeiro RJ.
- 138 - Tigre, C. B. (1970). SILVICULTURA PARA AS MATAS XERÓFILAS: DEFESA DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS, DNOCS.
- 142 - Gama, N. S. (1992). ESTUDOS ECOFISIOLÓGICOS EM *Bauhinia cheilantha* (BONG.) STEUD. (LEGUMINOSAE, CAESALPINOIDEAE) NA REGIÃO SEMI-ÁRIDA DO ESTADO DE ALAGOAS. BOTÂNICA. Recife PE, UFRPE: 129p.
- 143 - Lima, J. L. S. d. (1982). RECONHECIMENTO DE TRINTA ESPÉCIES ARBÓREAS E ARBUSTIVAS DA CAATINGA, ATRAVÉS DA MORFOLOGIA DA CASCA. BOTÂNICA. Recife PE, UFRPE: 144p.
- 149 - Torres, D. M. and A. Inácio Neto (1993). LEVANTAMENTO DE PLANTAS NATIVAS DA CAATINGA USADAS EM TRATAMENTO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS. PETROLINA, EMBRAPA-CPATSA: 2p.
- 154 - Tavares, S., F. A. F. Paiva, et al. (1975). INVENTÁRIO FLORESTAL NA PARAÍBA E NO RIO GRANDE DO NORTE; I ESTUDO PRELIMINAR DAS MATAS REMANESCENTES DO VALE DO PIRANHAS. RECIFE PE, SUDENE-DRN: 31p.
- 161 - Cerqueira, T. N. ((SD)). SÍLVICA DE ESPÉCIES REFERENTES A CAATINGA. VIÇOSA MG, UFV: 9P.
- 165 - Ribaski, J., . . Ed. (1986). AVALIAÇÃO DO USO DOS RECURSOS FLORESTAIS EM IMÓVEIS RURAIS NA REGIÃO DE OURICURI- PE. Boletim de Pesquisa. PETROLINA, PE, EMBRAPA-CPATSA.

171 - Prazeres, S. d. M. and E. V. B. M. IN: Sampaio, S.J.; Barbosa, M.R.V (1996). GERMINAÇÃO E PROPAGAÇÃO VEGETATIVA. PESQUISA BOTÂNICA NORDESTINA: PROGRESSO E PERSPECTIVAS. RECIFE, PE, SBB- SECAO REGIONAL DE PERNAMBUCO: P.179-189.

172 - Grisi, B. M. (1976). “ECOFISIOLOGIA DA CAATINGA: COMPORTAMENTO HÍDRICO DE *Caesalpinia pyramidalis* TUL. E *Schinopsis brasiliensis* ENGL.” CIENCIA E CULTURA 28(4): 417-425.

178 - Drumond, M. A., P. C. F. Lima, et al. (1980). “SOCIABILIDADE DAS ESPÉCIES FLORESTAIS DA CAATINGA EM SANTA MARIA DA BOA VISTA, PE.” BOLETIM DE PESQUISA FLORESTAL, CURITIBA(N.4): P.47-59.

185 - Drumond, M. A. (1982). “POTENCIALIDADE DAS ESSÊNCIAS NATIVAS DO TRÓPICO SEMI-ÁRIDO.” SILVICULTURA, SÃO PAULO V.16 A (PARTE 2): P.766-781.

186 - Drumond, M. A., I. E. Pires, et al. (1984). “ALGAROBEIRA: UMA ALTERNATIVA PARA PRESERVAR AS ESPÉCIES NATIVAS DO NORDESTE SEMI-ÁRIDO.” SILVICULTURA, SÃO PAULO V.10 (N.37): P.51-53.

188 - Fernandes, C. S. d. (1941). “ESTRUTURA PECULIARÍSSIMA DE CERNE DE *Schinopsis Brasiliensis* (BARAUNA OU BRAUNA DO SERTÃO).” ARQUIVOS DO INSTITUTO DE PESQUISAS AGRONOMICAS, RECIFE V.3: P.141-147.

195 - Carvalho, G. H. d. (1971). “CONTRIBUIÇÃO PARA A DETERMINAÇÃO DA RESERVA MADEIREIRA DO SERTÃO CENTRAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO.” BOLETIM DE RECURSOS NATURAIS, RECIFE V.9 (N.1/2): P.289-312.

197 - Oliveira, J. G. B. d., H. L. C. Quesado, et al., Eds. (1988). OBSERVAÇÕES PRELIMINARES DA FENOLOGIA DA CAATINGA NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE AIUABA, CEARÁ. COLEÇÃO MOSSOROENSE. Mossoró, RICOH.

200 - Ducke, A. (1979). ESTUDOS BOTÂNICOS NO CEARÁ. Mossoró.

206 - Braga, R. (1985). PLANTAS DO NORDESTE, ESPECIALMENTE DO CEARÁ. Natal RN, Editora Universitária, UFRN.

299 - Drumond, M. A., P. C. F. Lima, et al. (1979). SOCIABILIDADE DAS ESPÉCIES QUE OCORREM NA CAATINGA. XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE BOTÂNICA, CAMPO GRANDA-MS.

303 - Delforgue, H. (1945). GLOSSÁRIO DOS NOMES VULGARES DAS PLANTAS DO HERBÁRIO DA SEÇÃO DE BOTÂNICA.

307 - Rizzini, C. T. (1976). BOTÂNICA ECONÔMICA BRASILEIRA. São Paulo SP, USP.